

O lugar do (tele)jornalismo nas reivindicações sociais: nas ruas e nas telas

The role of the (Television) journalism in the social claim: in the streets and on the screen

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (org.)
#Telejornalismo: nas ruas e nas telas. Florianópolis: Insular, 2014.

Roberta Braga

Jornalista diplomada, mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCom-UFJF), com bolsa UFJF, e integrante do Grupo de Pesquisa "Jornalismo, Imagem e Representação" da UFJF.
E-mail: robertabraga.ufjf@gmail.com.

SUBMETIDO EM: 23/10/2014

ACEITO EM: 24/11/2014

RESENHA

RESUMO

O livro "#telejornalismo: nas ruas e nas telas" traz para seus leitores uma discussão atual, tanto para profissionais e pesquisadores da área de comunicação quanto para o público em geral, que se interessa pela temática do papel dos veículos de comunicação perante a sociedade. Tomando como tema central as manifestações de junho de 2013, o livro, que é uma coletânea que reúne 10 artigos de diferentes pesquisadores, traz reflexões sobre o fazer jornalístico, que vão desde a presença da mídia nas manifestações, muito criticada por boa parte dos manifestantes, até o uso das novas tecnologias. Sua leitura contribui para uma reflexão acerca do papel não apenas das mídias, mas também do público, que está cada vez mais buscando ser autor e agente participativo das notícias.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestações populares; Telejornalismo; Convergência; Representação.

ABSTRACT

The book "#telejornalismo: nas ruas e nas telas" approaches a current discussion about the role of the media in the society, which is interesting for professionals and researchers from Communication as well as for general public. Taking the demonstrations of June, 2013 as the central subject, the book, which gathers 10 papers from different researchers, reflects about the journalistic practice. It includes considerations about the presence of the media in the demonstrations, which was criticized by the people who took part of it, going until the use of new technologies. The reading is important for thinking about the role of the media as well as of the public, who is becoming an author and an agent of the news.

KEYWORDS: Popular demonstrations; TV newscast; Convergence; Representation.

De uns tempos para cá, não é raro ver a mídia presente em discussões políticas e culturais, bem como em manifestações, e essa presença não diz respeito somente à sua cobertura: ela também tem sido tema de muitos debates. Seja nas ruas ou nas redes sociais, cada vez mais as pessoas têm falado sobre o fazer jornalístico e o papel dos meios de comunicação. Mesmo sem ter um conhecimento específico da área, os cidadãos, cada um a seu modo, tem cobrado seriedade, qualidade e isenção política, principalmente por parte dos telejornais. Frente a essa nova configuração, faz-se necessária uma análise mais aprofundada para que, tanto profissionais de comunicação e acadêmicos quanto leigos, possam entender as novas demandas do campo e as novas “formas de fazer”, atreladas principalmente às novas tecnologias.

Com uma temática muito próxima a essa levantada, o livro #telejornalismo: nas ruas e nas telas, segundo volume da coleção Jornalismo Audiovisual, tem a proposta de publicar textos de temas atuais do campo da comunicação, procurando atrelar teoria e prática, num esforço de levar ao leitor questões que merecem ser refletidas não apenas pelos profissionais e acadêmicos da área, mas também pelos cidadãos em geral. Para esse livro aqui resenhado, buscou-se reunir trabalhos que, direta ou indiretamente relacionados às temáticas das manifestações populares de junho de 2013, trouxessem reflexões acerca do fazer jornalístico praticado atualmente, além de falar também da influência da mídia na sociedade, podendo afetar áreas políticas e culturais. Dividido em três partes, #telejornalismo: nas ruas e nas telas, organizados por Flávio Porcello, Alfredo Vizeu e Iluska Coutinho, apresenta dez capítulos que são fruto de ideias, pesquisas e reflexões de 16 autores.

A primeira Seção: nas ruas, apresenta quatro capítulos. No primeiro, A perspectiva do risco de morte ou da morte iminente no discurso do telejornal: reflexões a partir das Manifestações Populares de 2013, os autores Cárilda Emerim, Antônio Brasil e Michele Negrini buscam fazer uma análise discursiva das coberturas jornalísticas de três telejornais brasileiros (Jornal Nacional, Jornal da Band e Jornal da Record News) sobre as manifestações populares que ocorreram no país em junho de 2013. Partindo da premissa de que os telejornais em questão trabalharam discursivamente com o risco de morte, a partir do perigo iminente remetido pela adoção de uma narrativa de suspenso, os autores dão respaldo teórico ao texto por meio da Semiótica Discursiva. Além disso, também dedicaram espaço para refletir sobre a sociedade midiática, possibilitando a compreensão da importância que os telejornais têm na sociedade brasileira e procuraram conceituar a “morte” e “discurso” no âmbito de uma cobertura televisiva.

Chegando à análise em si, que se deu a partir das coberturas realizadas pelos telejornais citados entre os dias 17 de 21 de junho de 2013, o texto é concluído destacando-se o papel dessas coberturas na instauração da sensação de insegurança e medo, gerada pelo grande destaque dado aos atos violentos que ocorreram à margem das manifestações, como vandalismo e quebra-quebra, através do abuso do tom sensacional, dramático e emocional.

Partindo de uma outra perspectiva, mas ainda sobre as manifestações de junho de 2013, o segundo capítulo do livro, A construção simbólica da identidade as ruas e na TV, de Célia Maria Ladeira Mota, busca mostrar o papel unificador do telejornalismo ao exibir para o país todo, imagens das ruas, inflamadas de discursos emocionados que, segundo a autora, contribuíram para a construção de uma identidade nacional. Tendo como objeto empírico a edição do Jornal Nacional do dia 17 de junho, que

segundo a autora dedicou 75% do seu tempo às manifestações, o texto fala de identidade e seus diversos conceitos, dedica-se a explicar a construção da narrativa visual, o sentido de “rua” no imaginário nacional e recorre também à História para traçar uma pequena síntese da construção da identidade nacional, até chegar às manifestações do inverno de 2013, que de acordo com a autora, geraram um sentimento de pertencimento geral. Desse modo, é possível perceber que, diferente do capítulo anterior, esse tem um olhar mais otimista do evento analisado. Partindo de outras teorias e objetivos, é possível perceber como são possíveis várias análises e interpretações envolvendo as manifestações e o telejornalismo.

No capítulo seguinte, As apropriações midiáticas e os atores sociais na cobertura convergente das manifestações pela TV Folha, das autoras Paula Regina Puhl e Maria Clara Aquino Bittencourt, o tema central da discussão recai sobre a convergência e multimidialidade, destacando novas formas de consumo de produtos audiovisuais que nos últimos tempos têm posto em xeque a soberania da televisão, que ao mesmo tempo, mostra que a internet não veio para substituí-la mas talvez, transformá-la.

Também tomando como recorte empírico as manifestações do junho de 2013, o texto busca analisar três vídeos veiculados pela TV Folha e a partir deles, são discutidas questões como produção independente de conteúdos audiovisuais, os múltiplos formatos midiáticos e as transformações do telejornalismo frente a essas novas possibilidades. Ao analisar os vídeos (vídeo 1 referente ao programa TV Folha, vídeo 2, à imagens feitas por um drone e vídeo 3, à imagens de celular, as autoras acabam por argumentar que, de forma geral, a produção audiovisual da TV Folha é ainda muito pautada pelos formatos tradicionais de telejornalismo e que as práticas interativas poderiam ser melhor exploradas, para dar mais espaço para as pessoas comentarem e compartilharem.

O quarto e último capítulo da primeira seção do livro, Do telejornalismo público como um direito: a oferta de informação na TV Brasil como potencialidade para comunicar as diferenças, de autoria de Iluska Coutinho, aborda uma gama extensa de temas, tais como: direito à informação e à comunicação, credibilidade jornalística frente às manifestações de junho de 2013, democratização da mídia, participação popular e televisão pública. A partir da percepção de uma insatisfação de parcela dos manifestantes com o (tele)jornalismo praticado pelas emissoras comerciais, a autora parte da hipótese que o telejornalismo público, como um direito dos cidadãos, pode oferecer uma alternativa para a inclusão de diferentes atores e grupos sociais e nesse sentido, o quadro Outro Olhar, veiculado pelo Repórter Brasil, seria um caminho a ser estudado.

Ao todo foram analisadas cinco postagens de vídeos do quadro Outro Olhar em seu canal no YouTube, entre os dias 26 de junho e 11 de julho de 2013, com temas, origens e formatos diversos e a partir dessa diversidade, a autora apontou para uma pluralidade, sobretudo de interesses. Outro aspecto apontado foram as limitações políticas e técnicas para que de fato, todos os cidadãos possam produzir conteúdos e participarem efetivamente da produção do telejornal.

O quinto capítulo, O telejornal na palma da mão: um estudo sobre a recepção do Jornal Nacional nos dispositivos móveis e portáteis, de Cristiane Finger, inicia a segunda seção do livro. Nesse texto, a autora dedica-se em abordar a questão das novas tecnologias que estão aos poucos modificando o modo como as pessoas assistem televisão, mais especificamente, os telejornais, valendo-se de conceito de utilização das três te-

las: televisão, computador e smartphones. Como teoria que permeia seu texto, Finnger traz à discussão a história da relação dos brasileiros com a televisão, desde o seu surgimento até o advento das novas tecnologias, passando por questões tais quais o processo de convergência das mídias tradicionais e as novas mídias, as novas relações entre audiência e mídia e o conceito de público nômade, que seria aquele que utiliza diversos meios para se informar.

Mais especificamente, o objeto de seu estudo foi o Jornal Nacional, na perspectiva de como os telespectadores avaliavam a experiência de assistir às matérias veiculadas pelo telejornal em um smartphone. Para tanto, foi aplicado um questionário a 32 jovens de 16 a 28 anos, todos universitários que já tinham o hábito de acessar a internet pelo celular. De modo geral, de acordo com os dados do questionário, os jovens se mostraram satisfeitos com a experiência, mas algumas características devem ser destacadas: os entrevistados não souberam responder nada referente à participação do repórter e mais da metade não conseguiu identificar nenhuma fonte. Em sua conclusão, a autora aponta que esse novo telespectador não quer ser mais agendado pela programação tradicional, requerendo mais flexibilidade e autonomia e que o receptor dos dispositivos móveis precisa de conteúdos menores e mais interativos.

No capítulo seis, Narrativas de um real autenticado: notas sobre a grande reportagem na TV contemporânea, Fabiana Piccinin analisa os programas de reportagem “A Liga”, exibido pela Band e “Profissão Repórter”, da Globo, na perspectiva de refletir sobre a tendência de “desreferencialização” do real, observada nesses tipo de programa, criando para isso algumas categorias de análise: apresentador/repórter, atorização, edição mínima e bastidores viram conteúdo. Desse modo, características como mostrar os bastidores das produções, o repórter assumindo lugar de personagem, preferência por planos sequência e edição mínima são analisadas à luz de teorias que embasam teoricamente seu texto, como a de realidade virtual e cultura do espetáculo.

Em suas considerações finais, a autora aponta que busca pelo real menos artificial e mais explícito tornou-se evidente, mesmo não sendo a estética realista uma prerrogativa do telejornalismo. Além disso, Piccinin também ressalta a presença de recursos tecnológicos, capazes de catalisar os discursos midiáticos, que podendo levar ao exagero, acabam às vezes gerando o simulacro da própria realidade.

No capítulo 7, os autores Águeda Miranda Cabral, Alfredo Vizeu e Heitor Costa Lima da Rocha apresentam o texto “As novas rotinas de produção de sentidos no telejornalismo: a Realidade Expandida na perspectiva construtivista”, que traz a ideia do jornalismo agente na construção da realidade social, e não apenas seu porta-voz, ou nas palavras dos autores, um “espelho do real”. Assim, segundo o texto, as diversas “regras” do fazer jornalístico, aos buscar interpretar a realidade social, acabam também influenciando sua construção. Para tal reflexão, a Realidade Expandida é abordada como um dos conceitos da teoria construtivista no telejornalismo diante das novas tecnologias, onde a representação da realidade por meio de imagens gravadas e manipuladas seria uma espécie de virtualização da realidade.

Por fim, o texto argumenta que as novas tecnologias utilizadas no jornalismo dão um grande respaldo em termos de qualidades e possibilidades técnicas, mas que em termos de conteúdos, o trabalho dos jornalistas não mudou tanto, eles continuam “construindo e rearrumando” o mundo por meio de narrativas. Os autores também ressal-

tam que a manifestação da Realidade Expandida em cada notícia pode se manifestar de várias formas e em diferentes graus, dependendo das capacidades técnicas e das intenções de cada equipe jornalística.

Na terceira e última seção do livro, o oitavo capítulo, Histórias de vida no telejornalismo: Geneton Moraes Neto revisita Joel Silveira, de autoria de Christina Musse, traz uma reflexão que se inicia falando da necessidade da sociedade contemporânea de reavivar as memórias do passado, por meio de livros biográficos e documentários sobre figuras importantes ou mesmo célebres desconhecidos. Discorrendo sobre a relação de memória e esquecimento com atualidade, a autora cita as redes sociais, onde estão expostos vários perfis com detalhes da vida de cada personagem internauta e chega à questão das manifestações, que segundo ela, podem ser vistas como uma necessidade as pessoas serem protagonistas, contarem uma história.

O texto vai abordar o papel da reportagem no jornalismo, não apenas como um instrumento mas principalmente, como a grande forma de contar histórias de modo mais sensível e aprofundado. Como exemplo, Musse fala do primeiro documentário produzido por Geneton Moraes Neto para a Globo News, “Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças”, no qual revisita a genialidade do jornalista Joel Silveira. Assim, em suas considerações, a autora aponta para a necessidade de olhar para a entrevista como umas das formas de permitir que o jornalismo se reinvente, trazendo a realidade como matéria-prima para boas histórias.

No capítulo 9, A “imersão” no telejornalismo: após a fronteira entre o real e o virtual, Edna Mello e Liana Rocha irão abordar as mudanças que vêm ocorrendo das redações jornalísticas, grande maioria em função das tecnologias, que além de auxiliarem que produção de conteúdos para os (tele)jornais, também levam os telespectadores a quer experimentar outras formas de consumir notícias e informação. Como recorte empírico, as autoras utilizaram trechos dos telejornais Jornal Nacional e Jornal Hoje, além do programa Central da Copa, exibidos pela Rede Globo. Ao longo do texto, antes das análises, são trabalhados conceitos-base que fundamentam o tema do trabalho, como Realidade Virtual e Imersão.

Chegando às análises em si, o texto destaca o recurso de imersão real do apresentador, onde ele se descola dos estúdios e vai para o local onde está acontecendo algum evento ou houve uma tragédia, voltando a atuar como repórter e humanizando a narrativa e o recurso de imersão virtual, no qual a tecnologia é usada para criar realidades virtuais que permitem aos apresentadores mais recursos para explicar ou demonstrar algo aos telespectadores, como no caso dos campos virtuais observados no Central da Copa. Em suas considerações finais, as autoras reiteram que a categoria virtual dos recursos imersivos exige tanto dos apresentadores quanto dos comentaristas ali presentes um domínio cênico muito maior que a imersão real, para que a informação tenha credibilidade. Assim, destacam que embora o jornalista faça cada vez mais uso de novas tecnologias, muitas vezes virtuais, sua narrativa se realiza calcada na matriz do real.

Por fim, o décimo capítulo, A Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (TELEJor): histórico, desafios e novos olhares, de autoria de Flávio Porcello, encerra o livro “#telejornalismo: nas ruas e nas telas” trazendo uma reflexão sobre a rede TELEJor, destacando desafios e possibilidades da pesquisa em telejornalismo e fazendo uma síntese dos

ideias de seus pesquisadores. Para tanto, traça um pequeno histórico das atividades realizadas em sete anos, como os diversos congressos, artigos e livros publicados. O texto também aborda questões referentes a regulamentos e exigências que permeiam cada publicação, bem como as reflexões que dão embasamento teórico a cada trabalho. Dessa forma, destaca-se um crescente interesse por temas contemporâneos que aproximem prática e academia, mas que também sejam acessíveis àqueles que não são da área de comunicação, evidenciando assim, o Telejornalismo como um campo interdisciplinar.

Ao final da leitura, depois de 10 capítulos que reúnem questões presentes nas ruas, de onde surgem as pautas, nas redações e estúdios, onde as histórias se transformam em narrativas e na internet e redes sociais, onde tudo se converge, é possível avaliar que o livro #telejornalismo: nas ruas e nas telas contribui para uma melhor compreensão do que está acontecendo na sociedade, do ponto de vista jornalístico. As manifestações ocorreram em junho de 2013, por motivos tão variados que não cabem aqui, mas ainda hoje é possível perceber que o telespectador, que na verdade nunca foi completamente passivo, está cada vez mais buscando ser também autor e agente participativo das notícias, tanto na tevê quanto na internet. Sem dar muitas respostas prontas, o livro deixa ao leitor reflexões e possibilidades de interpretação dos anseios de uma sociedade que está em constante transformação.